



Cardiologista comanda o “Galo da Madrugada” no Recife

À frente de mais de 80 pernambucanos, 25 dos quais radicados em São Paulo, o cardiologista **Enilton Sergio Tabosa do Egito** rasgou a fantasia no sábado de Carnaval, no comando de um caminhão alegórico no “Galo da Madrugada”, a mais famosa manifestação carnavalesca do Recife. Mas como a zabumba não foi suficiente para elevar a pressão arterial aos níveis almejados, Enilton se mandou na segunda-feira com o seu bloco, que a essa altura já tinha engrossado para mais de 100 integrantes, para sair no “Boca-Mole”, que desfila perto de Porto de Galinhas, na Praia de Serrambi.

Mais tranqüilo e sério, de volta a seu posto no Hospital do Coração, em São Paulo, Enilton explicou que tanto a derrapada carnavalesca como outras manifestações folclóricas que comanda são decorrência do coração pernambucano obrigado a pulsar para sempre na cidade de São Paulo. “Não é tão triste assim”, confessa ele em surdina, “depois de 32 anos em São Paulo, lugar perfeito para se viver e desenvolver profissionalmente, a gente nem reclama mais do frio...”

Pernambucano de Timbaúba, Enilton Egito se formou na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco e veio fazer residência com Adib Jatene, na Beneficência Portuguesa. “E nunca mais deixei São

Paulo”, conta ele, que ainda com Adib foi para o Hospital do Coração, onde está muito bem, obrigado.

A saudade de Pernambuco apertava, entretanto, e para afogá-la o cardiologista começou a reunir pernambucanos apaulistanados. Há uns 20 anos, junto com Luciano Ventura, Lula “Peixinho” e apoio do Banorte, reuniu profissionais liberais, executivos e gente de todas as profissões que tinham como ponto de convergência a saudade de Pernambuco. E foi nessas noitadas de fazer poesia, de cozinhar a comida pernambucana, de cantar as músicas da terra natal, que o grupo foi engrossando.

Quando já eram uns cem pernambucanos reunidos no

“Chopp do Miguel”, em Moema, e antes que chegassem a 400, nos salões do “Clube Adams” ou no “Dom Fabrizio”, foram registrados os estatutos do que se chama hoje a “Confraria Pernambucana Príncipe Maurício de Nassau”, em homenagem ao príncipe holandês pernambucanizado, que em sete anos (1637-1644) fez mais pelo Estado do que os governantes autóctones tentam fazer há 500 anos, diz ele.

Boneco e pífaros

A “Confraria” foi ganhando fama, e com o tempo nenhum grupo cultural pernambucano passava por São Paulo sem visitá-la. Veio a “Banda de Pífaros de Caruaru”, vieram Antonio Nóbrega, Antulio Madureira ajudar a festejar o centenário do advento do frevo, vieram os maiores forrosistas, os repentistas, violeiros, vêm ainda os poetas populares, de Chico Pedrosa a Jessier Quirino.

Vieram também os cozinheiros, mas só do que Enilton chama de “culinária clássica pernambucana”, que é justamente a das festas de São João. “Haja canjica, pamonha, arrumadinho, não pode faltar delícia de macaxeira, nem carne-seca, e ainda é feita a concessão de se aceitar um sururu como tira-gosto.”

Com o tempo, a “Confraria” ganhou seu símbolo oficial, um boneco carnavalesco de três metros, bem ao estilo de Olinda,



Maurício de Nassau desce as ruas do bairro Moema em São Paulo

que Enilton fez vestir com a roupagem de gala de Maurício de Nassau, que ele representa. E depois disso, a “Confraria” passou a ser uma espécie de “Embaixada de Pernambuco” na paulicéia. E olhe que a entidade não é “Clube do Bolinha”, tem mulher e muita, pois “nós pernambucanos gostamos mesmo é de mulher”, garante Enilton, no melhor estilo chauvinista pernambucano.

A “Confraria” veio para ficar, ele tem certeza, tanto que no Carnaval bastou avisar que ia sair no Recife, para logo arranjar 25 companheiros. E o folclore pernambucano é tão rico, a cultura regional tão importante, que ele tem certeza de que as reuniões vão se suceder por muitos e muitos anos, sem que haja risco de serem repetitivas.

Quem quiser tirar a dúvida, pode comparecer, pois, numa concessão especial, os pernambucanos não exigem passaporte dos paulistas que quiserem conhecer os salões da “Confraria Pernambucana Príncipe Maurício de Nassau”.



Família Tabosa do Egito